MOSTEIRO INVISÍVEL

05.2023

Caríssimos amigos!

Ponho a mão no texto que usaremos para renovar os laços invisíveis de comunhão que nos unem à amada Congregação das Escolas da Caridade, deixando-me guiar pelas sugestões que me chegam do belo relato lucano dos discípulos de Emaús. A narração evangélica está no centro do capítulo 24 do Evangelho de Lucas, inserido entre dois outros relatos pascais: o das mulheres no sepulcro (vv. 1-12) e o da aparição do Ressuscitado aos Onze (vv. 36-53). Com efeito, nesta narração, mais do que em qualquer outra, Lucas procurou responder à pergunta fundamental que a primitiva comunidade cristã se colocava: como e onde encontrar Jesus ressuscitado, como e onde reconhecê-lo? Para entrar um pouco na lógica da narrativa, pode ser útil deter-se nos dois relatos que ocupam o tempo da viagem: o feito pelos discípulos e o feito por Jesus. Na primeira narração (vv. 19-24), os dois discípulos retraçam o caminho de Jesus de Nazaré, tal como o viveram e experimentaram: a



esperança que neles se acendeu por este «profeta poderoso em obras e palavras»; a perplexidade com a sua condenação e o seu fim ignominioso; A desilusão deixada pelo vazio dos três dias desde sua morte sem que nada tivesse acontecido ainda. Como um apêndice, mencionam o testemunho chocante de algumas mulheres que, tendo ido ao túmulo na manhã do mesmo dia, não encontraram o corpo de Jesus, mas em troca receberam a garantia de alguns anjos de que "ele está vivo". Este testemunho, no entanto, não parece ter muito peso para os dois discípulos ou, de qualquer forma, não tem força suficiente para reavivar a esperança deles. Eles o procuram, o seu corpo vivo, querem ver Jesus de novo «em carne e osso»: nenhuma outra visão, mesmo a do sepulcro vazio, pode satisfazer o desejo deles. Mas o ausente que assombra os dois discípulos é a própria pessoa que caminha ao lado deles. Entre os dois viajantes, no entanto, e esse "estranho" que, sozinho entre todos, não conhece os fatos daqueles dias, interpõe o que a própria história chama de "cegueira". No outro relato, o dado por Jesus (vv. 25-27), a mesma história é vista sob uma luz totalmente diferente: é de fato uma história de sofrimento e humilhação, mas a menção da "glória" a direciona para uma outra direção. Além disso, Jesus fala de si mesmo apresentando-se como «o Cristo», o Messias de quem falaram os profetas. Esta outra versão da história é feita a partir de uma longa "viagem" que o viajante desconhecido faz com que os dois discípulos façam através de "todas as Escrituras". Mas o mal-entendido permanece, porque os discípulos ainda não reconhecem Jesus. O que obscurece a visão deles? É interessante notar aqui que Jesus se refere aos seus companheiros de viagem de uma maneira forte e decisiva ("Como sois sem inteligência e lentos de coração...") não tanto por sua incapacidade de reconhecê-lo, mas por sua incapacidade de entender as Escrituras ("... a crer em tudo o que os profetas disseram!"). A cegueira deles tem origem sobretudo na falta de fé, na incapacidade de escutar a Palavra profética. Eles ainda não sabem qual é a chave que "abre" as Escrituras. A repreensão de Jesus dirige-se também a nós, que vivemos a espiritualidade da FLC; também nós devemos reavivar a familiaridade com as Escrituras e descobri-las como o caminho para dar sentido à nossa vida e ao nosso compromisso pastoral. Que o Ressuscitado nos guie e nos acompanhe!

Do Evangelho segundo Lucas (24:13-35)

Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que



tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: "O que ides conversando pelo caminho?" Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: "Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?" Ele perguntou: "O que foi?" Os discípulos responderam: "O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém o viu". Então Jesus lhes disse: "Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Será que o Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?" E, começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que la mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!" Jesus entrou para ficar com eles. Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoouo, partiu-o e lhes distribuía. Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: "Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze reunidos com os outros. E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão.



A sinodalidade é a melhor maneira de enfrentar a crise

www.cavanis.org (31.03.23) -Pe. Diego Spadotto, CSCh

A vida religiosa Cavanis vive num mundo opaco, onde a distinção entre fidelidade jubilosa ao Evangelho e mediocridade desbotada é muitas vezes uma ilusão de perspectiva. Nos gloriamos do passado enquanto continuamos a viver um presente contraditório. O desafio é navegar neste mar opaco, tentando colocar em ordem as muitas contradições que nos atingem como ondas ameaçadoras. O caminho de navegação não se baseia em certezas, mas na capacidade de dar conta das nossas escolhas quotidianas, no caminho sinodal e na "unidade de propósitos", no estilo credível da vida consagrada e na vivência autêntica do carisma. A sinodalidade é uma chamada de Deus e, ao escutá-la, devemos ter uma atitude de gratidão. É verdadeiramente uma bênção. Trata-se de responder à vontade de Deus na Igreja do terceiro milénio, reconstruindo pacientemente a pastoral juvenil na sinodalidade. É um caminho de **kenosis**, onde é necessário abrir espaço ao Evangelho num caminho de verdadeira conversão e transformação. O discernimento sinodal consiste em escutar o Espírito em nós mesmos e nos outros, como dom com atitude de gratidão. sinodalidade é um caminho criativo. Quanto mais pudermos discernir a sinodalidade como um dom do Senhor, mais criativos nos tornaremos, descobrindo novas formas de viver a nossa consagração aos jovens, quais são as situações mais urgentes a serem enfrentadas, as prioridades a serem selecionadas e as lacunas na espiritualidade a serem preenchidas.

É um trabalho intenso e não fácil; é importante ter uma metodologia para chegar a decisões sábias e corajosas, ouvindo o Espírito. Se a vida

religiosa sinodal parar, acontece como um rio que chega a uma barragem: inevitavelmente se transforma em um atoleiro ou um pântano. Orígenes, no terceiro século da história da Igreja, observou que não basta "ser renovado uma vez; Precisamos renovar a mesma novidade." O Espírito é, por sua natureza, novidade. O mundo, a sociedade não pararam, mas sofreram uma aceleração vertiginosa. As mudanças que uma vez ocorriam em um século ou dois estão ocorrendo agora em uma década. Esta necessidade de renovação contínua não é outra senão a necessidade de uma conversão contínua, a cada religioso e à Congregação, na sua dimensão humana e histórica. O verdadeiro problema não está nas novidades, mas no modo de lidar com elas na sinodalidade. Não tem sido um caminho reto e suave, nem mesmo o da Igreja nascente. A decisão tomada pelos apóstolos de acolher os pagãos na comunidade é resolvida com estas palavras extraordinárias: "Pareceu bom ao Espírito Santo e a nós" (At 15,28). É a sinodalidade. Diante dos acontecimentos, das realidades políticas, sociais e eclesiais, somos levados a tomar partido imediatamente e a demonizar o lado oposto, a desejar o triunfo da nossa escolha sobre a dos nossos adversários. Assim como quando uma guerra irrompe, todos oram ao mesmo Deus para dar vitória aos seus próprios exércitos e aniquilar os do inimigo. O Papa Francisco, por outro lado, exorta-nos a seguir o Espírito em liberdade e sinodalidade, o Espírito não deve ser enjaulado com um excesso de regras, o primado do amor de Deus, a doçura da sua Paternidade e a atenção ao mundo em mudança devem ser destacados. Foi o que os Fundadores fizeram diante das profundas mudanças que a decadência e a queda da República de Veneza causaram. A sinodalidade é «aquela atitude de vida consagrada, que cresce no silêncio, na oração, na caridade, no serviço, na escuta do Espírito».